
TEATRO

12, 13, 14 ABRIL '07

MNEMOPARK

Um mundo de comboio em miniatura

Um espectáculo de Stefan Kaegi (Rimini Protokoll)

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



QUI 12 · SEX 13 · SÁB 14 ABRIL 2007 · PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO · 21H30
DUR. 1H45 · M/12 · ESPECTÁCULO EM ALEMÃO, COM LEGENDAS EM PORTUGUÊS

Concepção e Encenação Stefan Kaegi
Com Rahel Hubacher, Max Kurrus, Hermann Löhle, Heidy Louise Ludewig,
René Mühlethaler, Niki Neecke
Cenografia Lex Vögtli
Vídeo Jeanne Rüfenacht, Marc Jungreithmeyer
Música e Som Niki Neecke
Luzes Christopher Moos
Dramaturgia Andrea Schwieter
Assistente de encenação Anna K. Becker
Assistente de cenografia Uta Materne
Assistente de produção Maria Kusche
Produção Theater Basel
Tradução Vera San Payo de Lemos
Legendagem Astrid Grabow
Tradução de materiais para a folha de sala Mariana Cardoso de Lemos
Apoio Pro Helvetia, Fondation suisse pour la culture

Estreia no dia 24 de Maio de 2005 no Theater Basel
Depois do espectáculo o público pode aproximar-se do cenário.

Senhora africana, bonita, cidadã suíça, 39 anos, com 4 filhos, procura homem afectuoso e que goste de crianças, pode ser agricultor.

Meias térmicas: lã de ovelha, sola de pelúcia fofinha para pés frios, não-encorpadas, laváveis à máquina, 4 pares só por 20 euros.

O Instituto Suíço de Investigação para a Agro-Química e a Higiene Ambiental calcula que 3,5 % dos agricultores da Suíça sejam responsáveis por 17 % da produção de gases de estufa do país. Quase o dobro da indústria ou do sector terciário. Os processos de fermentação próprios da ruminância assim como os excrementos e a urina lançam na atmosfera gases de estufa potentes como o metano e o nitrogénio. O que cada vaca faz por ano aquece a atmosfera da terra tanto como 4,5 toneladas de dióxido de carbono. Isto, em termos de efeito de estufa, corresponde à combustão de 2000 litros de gasolina. Uma vaca aquece a atmosfera quase tanto como dois Volkswagen Golf.

Novidades Preiser 2004 (Artigos n.º 28013-29029)
[marca alemã de bonecos em miniatura]
Carregador, viajante, padre com prensa, leitor de jornais, vedeta, peão, fotógrafo, utilizador de táxi, mãe com criança, viajante em grande prensa, transeunte, artista, Konrad Adenauer, Ludwig Erhard, noivos, vendedor de balões, palhaço com chapéu, senhora com charme, senhora com chapéu alto, homem da foice, lutador de sumo, jogador de golfe, jogador de futebol, jogador de baseball, estátua de anjo, homem de signo aquário, ninfa, ninfa com espelho, sílfide, sílfide sentada, sílfide em pé, Rei Ludwig II, homem com traje Uri, senhora com traje Uri, senhora com traje Gutachtal, homem com traje da região de Spreewald, "Christmas Girl", Pai Natal com o saco, "Christmas Girl" com o saco, Pai Natal.

Vende-se vaca Red-Holstein com 8 anos, prenha de 8 meses, para bom pasto. Muito em conta devido a pequeno defeito.

Vende-se feno e palha nas quantidades desejadas.

Na Suíça, vivem:
53.000 cavalos
481.000 ovelhas
704.000 vacas
1,54 milhões de porcos
7,21 milhões de galinhas
260.000 agricultores

Empresas agrícolas na Suíça:
1996: 79.279
2000: 70.537
2003: 65.866

RENÉ: Se eu tivesse 41.000 Km², fazia uma zona de paisagem protegida.
MAX: Se eu tivesse 41.000 Km², fazia um deserto e de 50 em 50 km havia um oásis.
HEIDY: Se eu tivesse 41.000 Km², não fazia absolutamente nada. Deixava tudo crescer sozinho até preencher toda a área e depois via o que acontecia.
HERMANN: Se eu tivesse 41.000 Km², construía uma represa com muito espaço para mergulhar. Depois de quatro semanas, estaria tudo cheio de algas. Na quinta da Rahel, ficariam a boiar palha e vacas. Os camiões e as locomotivas estariam submersos e começariam a enferrujar. Um mergulhador encontra às vezes aldeias inteiras debaixo de água, às vezes vê-se a torre de uma igreja a despostrar...

A Suíça tem pouco mais de 41.285 Km² dos quais:
 15.251 Km² de área de exploração agrícola
 12.716 Km² de floresta
 5.055 Km² de pastos alpinos
 1.422 Km² de águas paradas
 84 Km² de vias ferroviárias
 793 Km² de estradas
 24 Km² de aterros
 59 Km² de áreas em construção
 192 Km² de áreas industriais
 12 Km² de centrais eléctricas
 5 Km² de estações de tratamento de águas residuais
 1 Km² de ruínas
 18 Km² de pequenas hortas
 33 Km² de jardins públicos
 11 Km² de campos de golfe
 44 Km² de lugares de estacionamento
 E perto de 7,2 milhões de pessoas.

Número de tractores por cada 10 Km² de terreno cultivável:
 Austrália: 7
 França: 80
 Inglaterra: 80
 Suíça: 270

O que ainda não existe nos catálogos de modelismo: centrais nucleares, o Banco Mundial, computadores portáteis, telemóveis, chuva, toxicodependentes, o Theater Basel, pessoas a pedir asilo, Herzog & Meuron, José Bové, terrorismo, antenas parabólicas, suicidas a atirar-se para as linhas, travestis, desempregados...

O que é Bannwil quando já lá não está? Como funciona a memória: esquecemo-nos primeiro da aldeia – qual o seu aspecto, a que cheira, a que sabe ou como a sentimos – ou esquecemo-nos primeiro do nome?! (Rahel Hubacher)

Homem, 47 anos, gostaria de encontrar senhora que partilhe consigo a alegria da sua família de vacas-leiteiras.



ENCONTRO COM STEFAN KAEGI

Em cena estende-se um gigantesco complexo de comboios-miniatura: trinta e sete metros de via férrea, montanhas, florestas e casas... Cinco [em Lisboa quatro] apaixonados do modelismo evocam a sua prática. Uma actriz, filha de agricultor, fala de subsídios e estatísticas. Câmaras colocadas nas locomotivas projectam num grande ecrã as paisagens atravessadas. Onde está a realidade? Eis em todo o caso uma curiosa viagem através de uma curiosa Suíça. Encontro com Stefan Kaegi, o artesão inspirado que está no coração deste projecto.

Quais são os seus mestres?

Por exemplo, uma pessoa bastante importante para mim, para o meu

trabalho no teatro, é um professor que estuda as formigas. Descreveu-me a sociedade das formigas de uma maneira extraordinária. Eu observava muito as formigas, e impressionava-me a sua maneira de se moverem colectivamente. Parece haver nisso regras, como num grande espectáculo, como nas peças de Beckett. Para decidir as deslocações, quer dizer, para mudar a colónia de sítio, uma formiga pega noutra pela garganta e transporta-a para outro lugar. Se o sítio agrada à segunda formiga, esta volta à colónia e pega noutra formiga e assim por diante. É um autêntico processo democrático. Alguns cientistas afirmam que as formigas são marxistas, ou mesmo estalinistas. Outros dizem

que não se trata de um Estado composto por uma multidão de indivíduos, mas de um único indivíduo complexo. Na realidade, no início, trabalhei muito com animais. Interessavam-me muito os mal-entendidos entre os animais e os humanos. No fim dos anos noventa, tinha um pouco a impressão de que todas as vanguardas tinham muito interesse em encontrar formas novas, sem acreditarem verdadeiramente que o teatro podia ser um meio de comunicação. Para mim, o teatro é antes de tudo um meio de comunicação.

Há espectáculos que o tenham impressionado?

Durante algum tempo, frequentei muito os tribunais. É verdadeiramente como um teatro. Trata-se da verdade e da mentira. Trata-se mesmo da catarse. Há ali uma dramaturgia muito aristotélica. Segui muitos processos. Também fui evidentemente às salas de teatro. Aí sempre gostei do momento em que toda a gente se senta para ver alguma coisa em conjunto. Em contrapartida, não posso dizer que o que se passava em cena me apaixonava. Nunca percebi porque é que as pessoas em cena faziam gestos que já tinham feito várias vezes. Julgo que a essência do teatro é não poder reproduzir-se.

É fundador de um colectivo chamado Rimini Protokoll. De que se trata?

Somos três pessoas: Helgard Haug, Daniel Wetzel e eu. Temos um escritório em Berlim. Fazemos projectos juntos, mas cada um faz também os seus projectos pessoais. O que nos une é a vontade de desenvolver uma espécie de teatro

documental: encontrar soluções no teatro para dar a palavra a pessoas que têm algo a dizer. Os meus dois colegas acabam de fazer um espectáculo com *O Capital* de Marx e, em cena, havia por exemplo o arquivista oficial da ex-RDA ou um jovem militante do partido comunista ou ainda um cego que lia o texto em Braille. Utilizamos o teatro como uma grande janela. Enquadramos coisas que existem e que não vemos forçosamente, porque não temos o tempo ou a atenção necessários. Procuramos dar uma leitura do que existe mais do que inventar ficções.

Mas porquê, com um projecto desse tipo, fazer teatro e não cinema?

Porque o teatro nos permite trabalhar durante dois meses com pessoas, como fiz por exemplo com camionistas búlgaros ou pessoas que fizeram transplantes de coração. Estamos desde logo no diálogo, na pesquisa, e finalmente a palavra pertence-lhes. Limitamo-nos a acompanhar, a revelar um discurso.

Como surgiu a ideia de trabalhar com modelistas?

Durante anos, estive afastado da Suíça. Mas quando regresssei ao país, fiquei impressionado ao ver este lado muito pequeno e organizado. Um dia, entrei num clube de modelistas e a primeira coisa que vi foi uma pessoa mergulhada numa montanha: só se lhe viam as pernas! Achei esta imagem divertida. Para mais porque a minha mãe me dizia sempre, durante a guerra fria, que a Suíça estava infiltrada, debaixo da terra, pelos russos! Era obviamente uma metáfora. Gostei desta ideia: a Suíça inteira como

um modelo reduzido. Aliás, fala-se de *réduit* nacional [complexo de fortificações nos Alpes]!

A ideia foi portanto fazer um espectáculo à volta da Suíça, destas imagens, destas impressões?

A ideia foi a de os modelistas assumirem a parte da cenografia do espectáculo. O modelismo, no fundo, é um pouco como o teatro: são representações artificiais, mas é preciso que tenham um ar verdadeiro. Entra-se na ilusão. Também é interessante que estas pessoas construam as suas paisagens em modelo reduzido a partir das suas recordações, e não façam uma réplica exacta da Suíça, tal e qual ela é agora. Não fazem centrais nucleares, nem drogados ou homossexuais! As paisagens vêm das recordações e podem recuar até aos anos quarenta. É o que dá o título ao espectáculo: *Mnemopark* é o parque da memória.

Para muita gente, os comboios pequeninos lembram a infância... De certa forma o teatro também se refere à infância.

Sem dúvida. Mas, por outro lado, o modelismo é um sistema de arquivos. Podem-se comprar personagens, por exemplo, que são representativas de um grupo: trabalhadores, polícias, e mesmo um sortido de “minorias”... Há portanto uma ideia de sistema que procura representar tudo. Como é o caso por exemplo com o Lego. A Internet é também, de certa forma, um sistema comparável. Uma biblioteca também. Esta ideia de ter uma representação completa é fundamentalmente adulta. Acho que as crianças não se interessam por isso. Em Hamburgo, há uma exposição gigantesca

de modelos reduzidos onde se procura representar o mundo, continente por continente. Acho que estão a construir África! Tentam mesmo dar a ilusão do dia e da noite.

Os seus espectáculos são “empenhados”, emite através deles um juízo sobre a realidade do mundo?

Acho que através do modelismo se podem mostrar certos aspectos da mundialização que não são em princípio visíveis. Mas para mim não é uma mensagem: é funcional, é uma ilustração. Não estou ali para falar. Não sou como um autor que escreve. Reúno pessoas e acompanho-as.

Trabalha raramente com actores, prefere em vez deles pessoas que venham testemunhar a sua experiência de vida. Chama-lhes “especialistas da realidade”.

Não sou contra os actores! Mas se fazemos um trabalho sobre a agricultura, por exemplo, ou sobre uma companhia aérea, encontramos muita gente que nos conta histórias interessantes. Ora obviamente podíamos recolher os testemunhos, escrever um texto a partir desta matéria e confiá-lo a actores. Mas este caminho parece-me um pouco artificial: é fazer um desvio por uma técnica que é um mecanismo muito velho de representação. Interessa-me antes utilizar a cena como um pedestal, ou um altifalante, ou uma lupa para dar a palavra às pessoas sobre a sua experiência vivida.

Depoimento recolhido por

RENÉ ZAHND, THÉÂTRE VIDY-LAUSANNE



Especialistas da vida quotidiana

Conversa com Stefan Kaegi e Paulo Raposo

Trabalhando sobre o real que mistura com a ficção, a originalidade do trabalho de Stefan Kaegi deve-se também ao facto de integrar nos seus espectáculos “especialistas da vida quotidiana”: octogenárias de um lar para falarem de Fórmula 1, adolescentes amadores de armas para se exprimirem sobre o prazer de disparar, especialistas médicos para falarem da experiência da morte. Ou ainda formigas que foram actrizes em *Un terrarium* e porteiros argentinos em *Torero Portero*.

Chácara Paraíso é o mais recente trabalho de Kaegi, realizado em São Paulo com a colaboração da argentina Lola Arias. Tratava-se de responder à pergunta “Existe uma forma de arte-polícia?”, recorrendo, dentro das inúmeras instituições policiais, a pinturas, ícones, calendários, vídeos, músicas, marchas, simulações, que são utilizadas para propaganda, treino ou desfile e que nos mostram como a polícia se vê – com um elenco de catorze intérpretes (policías, ex-policías, familiares) e um cão.

Partindo de imagens deste espectáculo, Kaegi fará uma apresentação do seu trabalho, respondendo aos comentários, dúvidas e interrogações do antropólogo Paulo Raposo. Professor auxiliar do departamento de Antropologia do ISCTE, onde coordena também o Centro de Estudos de Antropologia Social e lecciona as temáticas de ritual e performance, Paulo Raposo doutorou-se com uma tese sobre cultura popular, processos identitários e performances culturais em Portugal. Lecciona

ainda Antropologia e Teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema.

Para mais informações ver o site www.chacaraparaíso.org

Kaegi e o Rimini Protokoll “explicam coisas que o cidadão esclarecido deveria saber. Mas não o fazem num afã missionário. Entendem-se mais como um empreendimento de desentulhamento, pois livram a acção no palco do dedo em riste, mas também daquela auto-referência cansativa tão em moda no teatro actual. Em vez de levar a arte a novos públicos, eles trazem o público para dentro do teatro. Ou, dito de uma maneira ainda mais simples: eles tornam patente a teatralidade dos palcos públicos como num tribunal.”

STEFANIE MÜLLER-FRANK,
TAGESSPIEGEL, 2004

Rahel Hubacher nasceu em Bannwil em 1975. Cresceu na quinta de seus pais. Concluiu a Escola Artística de Berna e o curso de ourivesaria. Frequentou a Escola de Teatro de Zurique. Foi membro do elenco do Theater Basel. *Agora é freelancer.*

Rahel Hubacher não tem qualquer locomotiva. Se tivesse alguma, seria a “Bibberlisi” – um pequeno comboio que, só com um carregar de botão, parasse em Bannwil: uma paragem só a pedido!

Recorda-se dos campos, da floresta, dos prados e do rio Aare.

Stefan Kaegi nasceu em 1972 em Solothurn. Após ter-se licenciado em Artes em Zurique, ingressou num curso de teatro em Giessen. Concebeu projectos teatrais para vários espaços públicos e encenou tanto actores profissionais como pessoas alheias ao mundo do espectáculo. Encenou, entre outros: *Torero Portero* (três porteiros argentinos desempregados contam, na rua, a sua história ao espectador, enquanto este contempla atrás de um grande vidro), *Sentate. Um zoostituto* (com cinco donos de animais domésticos), *Skrót. Krakau Files* (um peddypaper por Cracóvia), *Cargo Sofia* (com camionistas búlgaros) e *Chácara Paraíso* (uma “mostra de arte-polícia” em São Paulo). Com Helgard Haug e Daniel Wetzler (os outros dois membros do colectivo Rimini Protokoll), encenou entre outros, *sabonation. go home & follow the news* (sobre ex-trabalhadores da companhia aérea Sabena), *Call Cutta* (onde os espectadores, acompanhados por telemóvel numa visita por Berlim, ouvem do outro lado uma voz com sotaque indiano pertencente – como mil outros postos de trabalho alemães transferidos – a um trabalhador de um call center de Calcutá) e *Blaiberg und sweetheart19* (sobre transplantes de coração).

Para mais informações: www.rimini-protokoll.de

Recorda-se do lago de Gruyère.

Max Kurrus nasceu em 1925 em Basileia. Tem formação de mecânica. Desde 1951, trabalha na empresa rodoviária BVB. Iniciou a sua carreira como serralheiro, no Depot Dreispitz; depois, foi trabalhar como motorista e voltou, mais tarde, ao Depot Dreispitz como supervisor. É membro dos “Amigos do Modelismo” de Basileia desde 1989, ano em que se reformou. No Carnaval de Basileia, mascara-se de “Miss Fishing” com um acordeão.

Max Kurrus teve a sua primeira locomotiva logo quando tinha 7 anos (um comboio de corda). Acima de tudo, faz pontos de ligação: fez Brusio, Bernina Ospizio e para *Mnemopark* fez Bannwil junto de Lagenthal.

Especialidade: fazer as ligações do comboio à rede eléctrica aérea.

Hermann Löhle nasceu em 1936 na cidade de Constança, junto ao Lago de Constança. Fez formação em marcenaria entre 1950 e 1953. Mais tarde, aprendeu a técnica de galvanização, tendo-se tornado mestre nesta arte. É casado e tem dois filhos. Aquando da sua reforma (em 2001), dedicou-se inteiramente aos seus hobbies: *N-Ler* no Dreiländereck, mergulho e passeios de bicicleta. A sua primeira construção foi um T3 estilo prussiano.

A sua paisagem predilecta: a Suábia (dois módulos de montanha e um módulo circular de rio).

Heidy Louise Ludewig nasceu em 1937 em Leipzig. Aprendeu serralharia de aço. Cresceu e construiu pontes na sua cidade. Trabalhou numa adega e vendeu livros. Em 1958, fugiu para Essen, na Alemanha Ocidental, e trabalhou na padaria Konsumanstältt Friedrich Krupp. Mais tarde, tirou o curso de Design e de desenhadora têxtil.

Professora para ensino de adultos desde 1988 (cursos nas escolas superiores populares, curso de pintura sobre seda e outros).

Tem dois cães. Colecciona alumínio, brinquedos de madeira russos, molduras, carrinhos miniatura e ursos de peluche. Constrói o seu próprio mundo com a arte de modelar: paisagens literárias e de fantasia como Lummerland, o castelo Neuschwanstein ou a Schlaraffenland, terra descrita por Erich Kästner em *O dia 35 de Maio*.

René Mühlethaler nasceu em 1944 em Basileia. Com formação em desenho de máquinas e em informática (desde 1966), conseguiu transformar em 2002 o seu hobby em actividade profissional. Colabora, como desenhador, desde 2004 (ano da sua reforma) no Departamento de Construção da empresa ferroviária RBS. É sócio-fundador e, de 2002 a 2005, foi presidente dos “Amigos do Modelismo” de Basileia. O seu primeiro comboio eléctrico (um Re 4/4 I) foi comprado com o seu primeiro ordenado.

Criação própria: Mill Valley Railroad. Antigamente gostava de construir objectos relacionados com a América; actualmente prefere a região de Wallis e do Berner Oberland.

Especialidade: construção de veículos em tamanho zero.

Niki Neecke nasceu em 1973 em Friburgo. Estudou na Escola Artística de Basileia. Entre 1995 e 2000, tirou o curso de Design de Som no Departamento Electrónico da Escola Superior de Música da mesma cidade. Actualmente é músico e designer de som por conta própria. Trabalha frequentemente com a *Neuen Musik* e com a *Tecno/EBM/Elektronika*. Tem realizado concertos tanto individualmente como com os grupos Octopuss'call e Videorchester. Compõe para filmes mudos, faz design de som para instalações de vídeo e cinema. Sob o nome SONOgames e em conjunto com Gilbert Engelhard, nasceram as instalações musicais interactivas, que transformam os movimentos de pessoas e objectos em mundos sonoros através de sensores.

Paisagem preferida: Wellenberg e Sinustal.

Jeanne Rüfenacht nasceu em 1974 em Ottawa. Iniciou o curso de piano do Conservatório e frequentou dois anos na Escola Artística. Foi assistente de direcção no Junges Theater Basel. Entre 1998 e 2001, frequentou o curso “A arte e a técnica de filmar” na London Film School. Desde aí, é *freelancer* e trabalha para o canal SF DRS, para o Museu de Arquitectura, para a empresa de audiovisual point de vue basel ou para o teatro (entre outros, *O Rei Leão* no Theater Basel, encenação de Sebastian Nübling).

Actualmente trabalha na criação do seu próprio filme-documentário.

Recorda-se dos lagos e das montanhas canadianas.

Andrea Schwieter nasceu em 1973 em Basileia. Estudou Germânicas e História em Basileia e em Berlim. Entre 1996 e 1999 foi assistente de dramaturgia e dramaturgista na Volksbühne em Berlim (sob a direcção de Frank Castorf). Em 1999, trabalhou na direcção artística no I Internationalen Theaterakademie Ruhr, em Bochum. De 2000 a 2003, foi dramaturgista na Schauspielhaus de Zurique (sob a direcção de Christoph Marthaler).

Foi dramaturgista no Theater Basel. Agora é dramaturgista no Schauspielhaus Düsseldorf.

Recorda-se das paisagens vulcânicas e de Engadin.

Lex Vögli nasceu em 1972 em Hochwald. Fez formação para professora de arte na Escola Artística de Basileia. Estudou Arte e Media na Universidade de Arte e Design de Basileia. Já expôs em várias cidades desde 1996: Berlim, Porrentruy, Zurique, Berna e no Kabinett des Kunsthouses na região da Basileia, entre outras. Apoiada pelo Cantão de Solothurn e pela Kunstcredits Basel. Na Primavera de 2005, expôs *Lex Vögli/Stilleben* na Seidenfabrik em Basileia.

Recorda-se da paisagem da região do Jura, coberta de neve.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

MÚSICA ABRIL QUA 18

Drumming

Grupo de Percussão

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h10

In the beginning there was rhythm
No princípio era o ritmo

Ao pensar na música religiosa, fazemos imediatamente uma ligação à música vocal, ao órgão de igreja ou a algum Requiem orquestral. Apesar de existirem outras formas de música esta foi, sobretudo na Europa, a tendência seguida pela Igreja Católica. Ao observarmos outras religiões concluímos também que existe uma grande diversidade de músicas influenciadas pelo acto litúrgico ou por outras celebrações religiosas. Tendo em conta os nossos instrumentos – de um grupo de percussão – estamos muito longe de poder tocar essas músicas religiosas. Faremos sim uma demonstração, tocando com instrumentos que são usados nessas músicas: o sino na Igreja e o tambor nas procissões. Neste programa não iremos trabalhar com instrumentos religiosos nem interpretar músicas de culto religioso. Este concerto não é um acto religioso. Os ateus poderão



até ser os nossos melhores ouvintes. Transitaremos sim entre várias composições contemporâneas bem diferentes entre si mas interligadas pelo tema da religião. Compositores como Reich e Gubaidulina são crentes praticantes que usaram a música para servir a religião e fazer oferendas a Deus. Outros compositores tiveram uma educação musical inserida no meio religioso como é o caso de Harvey no coro do Colégio Saint Michael de Tenbury. No caso Gavin Bryars, este cruzou-se com a religião num encontro ocasional com um grupo de “sem abrigo” que cantava uma melodia com letra referente a Jesus. Por fim outros são obcecados com as deidades índias e em usar a música para criticar a religião... Mas tanto os compositores, como nós, músicos intérpretes, pretendemos que estes concertos, estes actos artísticos de vibrações sonoras, proporcionem ao público uma experiência transcendental, um alimento da alma, um êxtase espiritual. Que assim seja...

MIQUEL BERNAT

Leia no site da Culturgest, DERIVAS, uma crónica semanal de Augusto M. Seabra.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Patrícia Rodrigues ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos

schweizer kulturstiftung

prohelvetia